

A



**Alma**

**Nova**

N.º 9

PREÇO 1\$50 ESC

ANUNCIAR NA "ALMA NOVA" É DAR UMA NOVA ALMA A TODOS OS NEGÓCIOS  
 A NOSSA REVISTA VAI A TODOS OS PONTOS DO PAÍS, ILHAS E COLÓNIAS  
 TODO O ASSINANTE QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES TERÁ 50% DE DESCONTO NA SUA ASSI-  
 NATURA; O QUE NOS OBTIVER 10, RECEBERÁ UMA ASSINATURA GRÁTIS

## S U M Á R I O

CAPA: *Algarvia*, por Saavedra Machado: — ARTE: *Frei Nuno de Santa Maria*, escultura de Diogo de Macedo, e *Paisagem Algarvia*, por Eduardo Viana — A QUINZENA, Redacção — FIGURAS E FACTOS: *Dr. Franco de Sousa*, «Madrinha» em Braga, *Dr. Cláudio Basto*, Cruz Magalhães, *Ferreira de Castro*, *António de Cétima*, *A. Dias Costa* e *Avelino d'Almeida*, pela Redacção — *Ilda Stichini*, por A. Dias Costa — A FITA DA QUINZENA: *O que o forasteiro vê ao entrar em Lisboa*, c. desenhos de Alfredo Cândido — *Em louvor do Algarve*, por D. Oliva Guerra, com fotografias e ilustrações de Samora Barros e Bernardo Marques — ARTISTAS MUNDIAIS *As grandes bailarinas*, fotografia da bailarina americana *Doris Niles* — POETAS PORTUENSES, *Pombal Vasio*, por Alexandre Cordova — PAGINA INFANTIL: *A Origem*, por Rabindranath Tagore, com um desenho de D. Mily Possoz — TRAZ-OS-MONTES, *A feira de Santo Antonio em Vila Real*, por Heitor Matos, com fotografias de Miguel Monteiro — *O segredo da Estrangeira*, conto por Ferreira de Castro, com ilust. de D. A. — SCENAS DA PRAIA: *O Outro*, por Carlos Laborinho, com ilust. de Alfredo Cândido — *Lapsos de Linguagem*, por Arlindo Camilo Monteiro — VIDA ELEGANTE: *Uma princesa que sabe ser mãe*, *Sua Magestade a Moda* por Alice — *Pó de arroz*, por Luiz d'Oliveira Guimarães — CURIOSIDADES Notas scientificas, por M. F.

A melhor e mais completa preparação de saes calcicos



### SILICALCINA

(REGISTADO)

O melhor medicamento no curo do tuberculose, roquitismo, linfatismo, onemia, neurastenia, froqueza geral e na convalescença de todos os doencos

ABRE O APETITE E AUMENTA A NUTRIÇÃO

A VENDA

FARMACIA CUNHA

R. do Escola Politecnica, 18

FARMACIA BARRAL

Ruo. do. Ouro — LISBOA

## A PORTUGALIA

FABRICA DE CHAPEUS

R. da Metade, n.º 9 (á Rua de S. José)

Chapeus de feltro para homem e senhora  
 Chapeus de palha para homem, senhora e creança.

FABRICAÇÃO ESMERADA

Preços sem competencia

Sucursaes de vendas directas ao publico

1.ª Sucursal — 12 C, Av. Almirante Reis, 12, D

2.ª " — 58, R. Alves Correia e R. do Telhal, 4

3.ª " — 68, R. dos Cavaleiros, 70

## ERRATA

No artigo «Lapsos de Linguagem» veem alguns lapsos... de revisão, que nos apressamos a corrigir. São eles; influencia, por *influência*, na linha 6 — parasita da frase, por *parasito* da frase, na linha 20 — somente, por *somente*, na linha 30 — recae, por *recai*, na linha 32 — nconscientes, por *inconscientes*, na linha 35.

Que no-os perdõem o autor e os nossos ex.<sup>mos</sup> leitores.

## OS NOSSOS ASSINANTES

A «Alma Nova» regularizará desde o próximo número a sua saída, a 1 e 15 de cada mês, devendo todos os nossos Ex.<sup>mos</sup> assinantes do continente recebê-la até 5 e 29, respectivamente.

Quando, porventura, qualquer dos nossos assinantes não chegar a recebê-la dentro deste praso, rogamos-lhe a fineza de no-lo comunicar, afim de indagarmos as causas da demora, ou verificar se houve extravio nos correios, e fazermos nova remessa.

Igualmente pedimos a todos os nossos Ex.<sup>mos</sup> assinantes o favor de nos remeterem a sua nova direcção, logo que mudem de residencia.

Por absoluta falta de espaço, não publicamos neste número as respostas recebidas sobre o nosso inquérito — «O Segredo Profissional», nem a «Bibliografia da Guerra».

Ler no próximo n.º, além d'estas secções, os seguintes belos estudos: «A Morte de Gaio», conto de Irene; «Pagina filológica», de Costa Leão; «O meu Algarve» por Mateus Moreno; «O Eterno baile de Salomé», por Valeriano de Campos; «Alminhas do Minho», por V. Amaral; «Teatro», por A. Dias Costa, e «Vida Elegante», «Arte», «Figuras e factos», «Provincia», «Ilhas», «Curiosidades», etc.

DIRECTOR-FUNDADOR: MATEUS MORENO  
DIRECTOR-LITERÁRIO: EMILIO SALGUEIRO  
SECR. DA REDACÇÃO: JOÃO FARMHOUSE  
REPRESENTANTES E AGENTES EM TODO  
: O PAÍS, ILHAS E COLÓNIAS :



EDITOR E ADMINISTRADOR: M. B. CARMONA  
PROPRIEDADE DA EMPREZA "ALMA NOVA"  
REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
263-R. ESCOLA POLITÉCNICA, 267-LISBOA  
TELEFONE NORTE .....

# ALMA NOVA

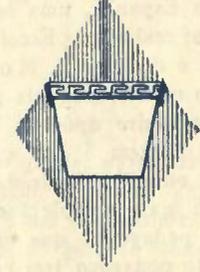
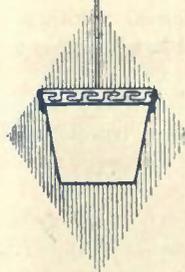
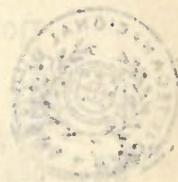
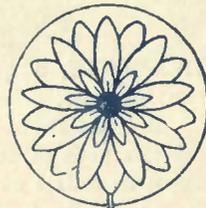
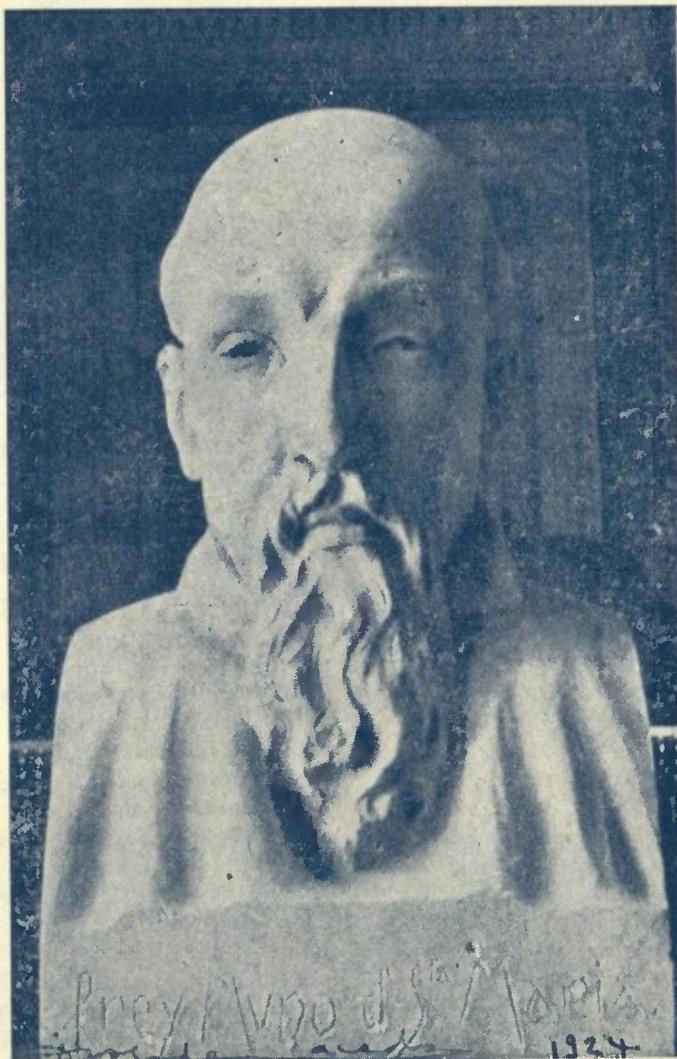
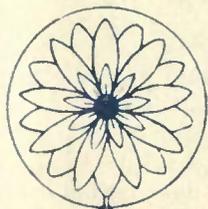
REVISTA QUINZENAL DE RESSURGIMENTO, VIDA MODERNA E CULTURA



NUM. 9

LISBOA, 1 DE AGOSTO DE 1926

IV SERIE



## FREI NUNO DE SANTA MARIA

ESCULTURA DE D. DIOGO DE MACEDO

Passando a 14 da corrente a aniversária da Batalha de Aljubarrota — formidável grito popular feito oração, em que definitivamente se firma, a galpes de mantante, a independência de Portugal — é mister que revaquemos a figura imarredaira da seu principal herói, D. Nuno Alvares Pereira, esse nobre cavaleiro de lenda e simbala gloriosa das virtudes pátrias, que um humilde burel de carmelito conduziu no fim da vida á santidade, sob a name de Frei Nuno de Santa Maria.

Que nesta hara de amanhecete confiança nas destinos nacionais, a projecção divina dos seus actas e a ritma sublime das suas preces, saibam repercutir-se ainda nas carações das novas, em exemplos de igual abnegação e de vativa proceder.

E Portugal de nava será grande !



# A Q U I N Z E N A

## NOTAS E COMENTARIOS

### À VIDA POLÍTICA E MENTAL



**P**OLITICAMENTE, a quinzena que hoje finda decorreu sem interesse.

Diminuíram as prevenções no exército e na políserenaram mais os ânimos, o boato começa a manifestar-se sintomas de asfixia e até as tropas de Sacavem deixaram de ser o terrível Papão dos políticos... tendo recolhido aos seus quartéis.

Emfim, caminha-se... para os campos e praias.

#### A TEMPORADA HÍPICA

**O** CONCURSO HIPICO d'este ano decorreu com grande brilhantismo. A Espanha enviou-nos uma equipe fortíssima, constituída pelos seus melhores cavaleiros.

Os nossos vizinhos ganharam a «Taça de Ouro», em que estivemos infelizes. Esta prova tinha um especial interesse, porque, se a ganhassemos, ficava definitivamente em Portugal. Assim, a questão terá de resolver-se para o ano, em Madrid.

Dos nossos cavaleiros, distinguiu-se particularmente o tenente Ivens Ferraz, o feliz vencedor do «Grande Premio», no seu magnífico «Roussi», com que no estrangeiro fez um brilhante successo.

#### O ENSINO SEM LIVROS

**A** Academia de Setubal trouxe da sua recente excursão a Espanha, uma recordação inolvidável da visita que aí realizou ás Escolas do Sagrado Coração, em Huelva, de que é director D. Manuel Siurot, pedagogo e publicista de raro mérito, daquelle país.

Verdadeiro apóstolo da instrução popular, D. Manuel Siurot mantém á sua custa várias escolas para crianças pobres, onde é ministrada, a par d'uma perfeita instrução geral, a mais completa educação moral e civica, sob um método pedagógico que dispensa livros e com o qual o benemérito pedagogo tem conseguido os melhores resultados.

Siurot, que é um sincero amigo de Portugal, prometeu visitar-nos brevemente, em propaganda do seu método.

#### A NOSSA DÍVIDA DE GUERRA A' GRÃ-BRETANHA

**S**EGUIRAM recentemente para Londres, onde foram combinar com o governo inglês a maneira de Portugal liquidar a sua divida de guerra, os srs. General Garcia Rosado, Presidente da missão e nosso novo embaixador junto da côrte inglesa, e Drs. Júlio Dantas e Armindo Monteiro.

Na «gare» do Rossio foi-lhes feita uma carinhosa despedida.

#### DELIMITAÇÃO DA FRONTEIRA SUL DE ANGOLA

**A** linha delimitadora da fronteira sul de Angola, velho pomo de discordia entre as duas regiões limítrofes, acaba de ser, emfim, nitidamente demarcada, tendo triunfado o ponto de vista português. A comissão encarregada da referida delimitação, composta pelos srs. Dr. Augusto de Vasconcelos, Vice-Almirante Ernesto de Vasconcelos e coronel de engenharia Carlos Roma Machado, nosso illustre colaborador, bem mereceu, por isso, da Patria.

#### ORDEM DA COROA DA BÉLGICA

**F**OI recentemente nomeado, pelo Rei da Bélgica, Cavaleiro desta Ordem, o capitão miliciano de Artilharia a pé, Francisco da Silva Pinto, distincção que lhe havia sido conferida, quando ajudante de Campo do Alto Comissário de Angola, sr. General Norton de Matos.

#### CAMPEONATOS MUNDIAIS DE «TENNIS»

**O** TORNEIO de «tennis» de Wimbledon, a importante prova internacional disputada em «courts» de relva, realizou-se ultimamente pela 50.<sup>a</sup> vez. O jubileu foi devidamente festejado.

Na prova «singles» para cavalheiros, a vitória coube ao francês Jean Borotra, que na final bateu brilhantemente o americano Kinsey por 8/6, 6/1 e 6/3.

Borotra ganhou a prova em 1924, foi finalista em 1925 e voltou agora a triunfar. Em 1925 o triunfo coube ao francês René Lacoste, que este ano não pode concorrer por motivo de doença.

Na prova de senhoras, a vitória coube á inglesa Miss. Goofree, que bateu a jogadora espanhola M.elle Alvarez, por 6/2, 6/4 e 6/3.

A favorita da prova era a francesa Suzana Lenglen, que desistiu antes das meias-finais, por motivo de doença.

Em «doubles», o par francês Cochet-Brugnon venceu o par americano Richards-Kinsey, por 7/5, 7/6, 6/2 e 6/3.

Na prova de senhoras, o par americano Miss Ryan Miss Browne, venceu o par inglês Miss Goofree-Miss Cobler, por 6/1, 6/1.

#### AMIGOS DA «ALMA NOVA»

**A**SSIM consideramos todas as pessoas que por qualquer forma desejarem cooperar no programa patriótico da nossa revista, quer assinando-a e angariando-lhe novas assinaturas ou anúncios, quer subsidiando o seu cofre de expansão e propaganda.

# FIGURAS E FACTOS



FERREIRA DE CASTRO, inconfundível trabalhador do jornalismo e das letras, de quem adiante hoje publicamos um interessante conto e cuja última obra — "A Peregrina da Nava Munda" — acaba de obter um verdadeiro êxito, é um dos maiores e mais bizarras valores literários da nova geração.

◆  
GEN  
TE  
NO  
VA  
◆



ANTONIO DE CERTIMA  
Combatente da grande guerra e escritor da mesma, que no novo diário *A Informação* está promovendo uma vibrante campanha a favor dos Mutilados.

## OS PAINÉIS DA "BRASILEIRA"



Piscagem algarvia, par Eduarda Viana

II

O auctor do quadro da «Brasileira» do Chiado, que hoje reproduzimos, é um dos maiores valores pictóricos da geração modernista portuguesa.

Natural desta irrequieta Lisboa, e como ela irrequieto, apesar de ainda relativamente novo, a sua obra é já notável.

Se é certo que neste quadro não há a verdade que podemos ler noutras que pintou, menos subjectivamente, sobre o Algarve, como a sua admirável tela «A Pousada dos Ciganos», em Olhão, nota se-lhe, todavia, um certo ambiente e intuição local muito apreciáveis.

As suas perspectivas, sobretudo, são de mestre.

# FIGURAS E FACTOS

OS NOSSOS  
AMIGOS

AS NOSSAS  
"MADRINHAS"

OS NOSSOS  
COLABORADORES



O sr. dr. L. FRANCO DE SOUSA, digno sub-director do Escola Prático de Agricultura de Evoro e nosso devotado omigo no Alentejo.



D. MARIA DAS DORES DA ROCHA VAZ, profesora do Escola Normoi Superior de St.º Tirso e nosso gentil "Madrinho" em Brogo.



Dr. CLAUDIO BASTO, distinto escritor e velho colaborador do "Almo Novo", que publicou dois formosos livrinhos de etnografia, — *Florés de Portugal e Camparações tradicianais portuguesas.*

## CRUZ MAGALHÃES

"MAXIMAS... MINIMAS — DITOS .. MAL DITOS E RISO AMARGO"

CRUZ MAGALHÃES, benemérito da Arte, poeta e jornalista de nome firmado, acaba de publicar num artistico volumezinho de 74 páginas, as suas locubrações críticas e filosóficas, ultimamente saídas nos jornais.

Embora reconheçamos que muitas das suas afirmativas presentes não condizem, em parte, com a obra altruista, generosa e constructiva que tem empreendido, achamos que o autor de *Os grilos, Sem Norte* e outros belos trabalhos, fez bem em reuni los, porque ao menos nos revela uma fase nova do seu espírito — cançado de ingratições, injustiças e... experiência dos homens.

No nosso crédo de pura evangelização, não deixamos de estar com o autor das «Máximas... mínimas», quando nos afirma que «A moeda



O escritor, poeta e jornalista sr. CRUZ MAGALHÃES caricaturado por Francisco Valença.

mais vulgar da gratidão é o coice. Salvo o devido respeito... aos leitores».

O organisador e doador do *Museu de Rafael Bordalo Pinheiro*, uma das obras mais belas e generosas da nossa terra, tem, decerto, razões poderosas para assim pensar .. e dizer.

\*

Outras afirmações curiosas e muito actuais: do autor das «Máximas».

«Dantes cada um sabia de si e Deus sabia de todos; hoje ninguém sabe de si e Deus não quer saber de ninguém?»

\*

E ainda:

«E' mais fácil pintar rãs de preto e vendê-las por grilos, do que fazer entrar no bom caminho um mau político».

# ILDA STICHINI

NA PEÇA "OS FILHOS"

DE

LUCIEN NEPOTY

**H**A muito tempo que me habituei a escrever acerca de Ilda Stichini no mesmo tom em que hoje o faço — estabelecendo afirmações nitidas, marcadas, positivas, sem a menor sombra de hesitação.

A arte de Ilda Stichini começa onde a de muitas grandes artistas acaba, foi a primeira dessas afirmações. Escrevi-a há já alguns anos e tenho-a mantido através do tempo. Este acaba de me provar que Ilda Stichini é, actualmente, a artista portuguesa que dispõe de maior número de faculdades. Ilda atingiu o mais alto grau da escala dos valores. Os seus processos de trabalho, moldados sobre uma naturalidade impecável, confirmam por uma forma exuberante o modernismo da sua arte, definida com firmeza e ousadia, com inteligência e originalidade.

Na arte de Ilda ha a scintilla do génio, e assim se explica o prestigio do seu nome, capaz de realizar o milagre agora operado — tornar bons amigos o público e o velho teatro do largo de D. João da Camara.

E' preciso vê-la, interprete su-



Jorge Burdon, estudante de retórico, notável criação de Ilda Stichini (2.º acto do peço "Os Filhos", em scena no Teatro Nacional).

blime, na ingénua do *Centenario*, adoravel de graça — uma graça cheia de pureza, casta como a alvura dum lirio, brilhante como a mancha do lindo sol de agosto nos nossos campos em flôr — no *Se eu quizesse*, de Paul Gerald, em que os seus encantos de mulher prendem e dominam com toda a sua sedução e nos *Filhos*, agora em scena, onde con-

segue a suprema dificuldade dum *travesti* duma perfeição admiravel, dum primôr que é maravilha.

Ilda, no palco, é uma *charmeuse* — é que ha no seu rosto, nos seus gestos, no próprio ambiente que a artista cria á sua volta, um singular encantamento, que fascina o público, como as fadas dos nossos contos de meninos, nos fascinavam com o poder mágico das suas varinhas de condão.

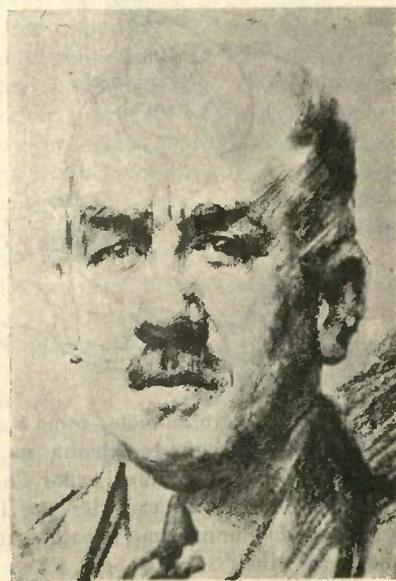
A figura de Jorge Burdan, o jovem estudante de rectorica de ideias avançadas e impulsivo entusiasmo amoroso, insubmisso na sua espontaneidade indomavel, sentimental no seu amor pela mãe e pelo irmão, foi traçada por Ilda com uma pormenorização de detalhes, extraordinaria de plasticização e verdade.

Não ha critica possível, tudo se condensa num enorme, imenso louvôr. Pelo seu ultimo cometimento — interpretar a celebre criação de Eva Lavallière — bem haja Ilda Stichini, a artista que é uma fulguração radiante de claridade intensa na sombria penumbra dos palcos portugueses.

A. DIAS COSTA



Antonio Dias Costa, critico e traductor dos "Filhos" o quem de hoje em diante é confiado o secção teatrol do "Almo Novo"



Avelino de Almeida, mestre illustre no jornalismo e na critico, que com Dias Costa produziu a peço de Lucien Nepoty

# FITADA QUINZENA

POR ALFREDO CANDIDO

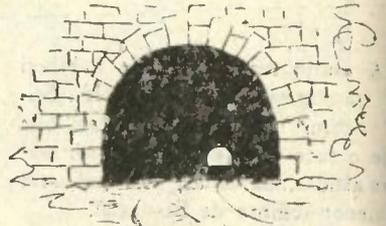
## O QUE O FORASTEIRO TEM PARA VER EM LISBOA



I - ... SE VEM DO SUL



VI - ... O GAZÓMETRO DE BELEM



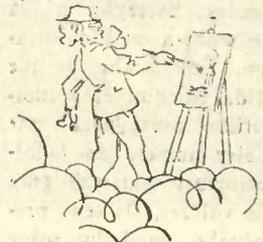
II - ... SE VEM DO OESTE



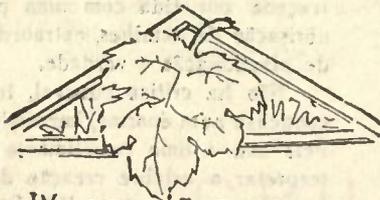
III - A ESTATUA DE D. JOSE



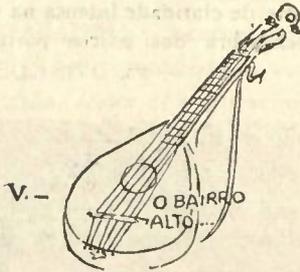
VII - A ESTATUA MUTILADA... DE EÇA DE QUEIROZ



VIII - SUA EX.ª O VIGARISTA



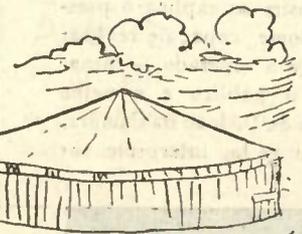
IV - O FRONTÃO DA CÂMARA



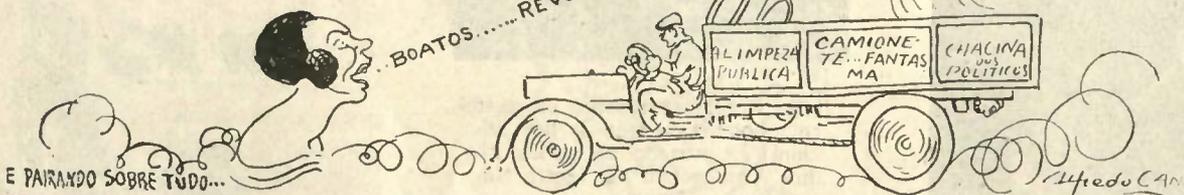
V - O BAIRRO ALTO



X - O HOMEM... ADLEME



IX - O MONUMENTO DO MARQUEZ DE POMBAL



**N**ÃO te direi, caro minhoto, como o autor das "Recordações e Viagens", que te detinhas na pacatez da tua aldeia, que não te venhas expor "aos encontrões do bom trato do Chiado, ás vaidades do Terreiro do Paço, aos bastidores do mundanismo, á palidez das árvores da Avenida, que teem olheiras..."; nem a vós, honrado alentejano, hospitaleiro beirão e devotadíssimo algarvio, irei propôr que não troqueis a religiosidade das vossas berças pelas desvirtuosas tentações desta provocante Dalila, — porque Lisboa, apesar de preversa, apesar de cocaïnizada até a medula dos

ossos, apesar de muitas vezes irreflectida e má... injusta mesmo; para as suas damas de honor — as restantes capitais de provincia —, é ainda e será sempre aquela formosa Rainha do Tejo a quem as caravelas do Seculo Venturoso trouxeram o ouro votivo de todas as côrtes do Mundo; é ainda e será sempre uma encantadora cidade.

Nesta página da "Alma Nova" onde o lápis de Alfredo Cândido hoje traça alguns curiosos apontamentos, iremos apresentando Lisboa sob todos os seus aspectos — Lisboa Elegante, Lisboa Cómica, Lisboa Típica, Monumental, etc



ALFARROBEIRAS DO MAR—ALGARVE

QUADRO DE SAMORA BARROS

# EM LOUVOR DO ALGARVE

POR

D. OLIVA GUERRA



TRAGO ainda os olhos cheios do Algarve, que é como quem diz, cheios de sol, de luminosidade quente, de colorido gritante — garrida sinfonia de graças milagrosa com que no coração nos entra, para não mais de lá sair, toda a vez que o conhecemos, esse pedaço de Portugal vibrante e comunicativo que Deus poz lá em baixo a namorar o mar como uma caravela doirada em face do seu sonho aventureiro. Irmão da Andaluzia, filho da Lusitânia e da Moirama, exuberante e pagão, o Algarve é um cravo vermelho na jaela contemplativa da Raça, é uma mancha álaure na placidez sonhadora da paisagem portuguesa.

Eu não vi o Algarve no seu momento de Lausperenne, no tempo das amendoeiras floridas, quando os seus campos, os seus casais e os seus montes se cobrem duma apoteose heroica de veludo claro; mas trago-o a viver no fundo das minhas pupilas enamoradas em toda a graça donairoza das suas colinas voluptuosas, dos seus azues estonteantes, da brancura ingénua das suas casinhas caiadas.

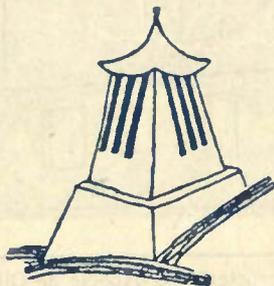
A um tempo sonhador e bravo, religioso e "coquet", o Algarve é talvez a província de mais variada paisagem que tem Portugal. Nele há a solemnidade religiosa da montanha, a melancólica resignação da planície e o contemplativismo sonhador da costa marítima.

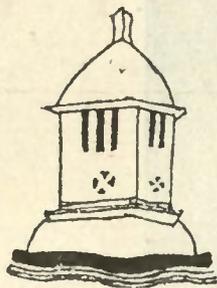
É uma província rica, riquíssima. Os ter-

renos largamente cultivados em grandes quintas ou em pequenos talhões, pertencendo a muitos, dão de comer a todos na abundância abençoada da sua exuberância pagã. Por isso também toda aquela santa gente dos campos e dos casais tem um ar de humildade lavada e sã, não sendo o tipo andrajoso e indigente, que atormenta a fi-

sionomia dolorida de outras províncias de Portugal, conhecido ali, naquela região privilegiada onde o sol desfia mais oiro e onde a paisagem veste todos os anos a dalmática sumptuosa dos amendoais em flôr, sem cessar repetindo o milagre de amor obtido de Allah pelo rei moio para deliciar os olhos nostálgicos da princesa nórdica da lenda.

Vamos seguindo pelos campos a baixo, cortando a região de norte a sul, deixando ao fundo, como de sentinela á planície exactica do Alentejo, os contrafortes hirsutos da Serra do Caldeirão. E á medida que nos internamos no coração da província, a fisionomia da paisagem adoça-se, comotocada por uma graça nova, mais garrida e mossa: a vegetação multiplica-se num delírio de abraços verdejantes; dum lado e doutro dos caminhos espreitam, curiosas, hortas risonhas de verdura tranqüila a lembrarem a quem passa a abastança modesta deste povo que cultiva todos os cantinhos para dar bem a medida da sua actividade e do seu amor á independência; por entre a massa da verdura, as chaminés das casas, de feitos caprichosos, verdadeiros





milagres do génio inventivo de rudes alvenéis, como rendilhados minaretes árabes, surgem garridamente, dando a primeira nota verdadeiramente típica da província; e, para melhor marcar a proximidade e a influência do espírito marroquino nas construções, a cal, branca como neve, esmalta de manchas alvejantes o verde vegetal das serras nos inúmeros montes perdidos no além scenogra-

fico de toda a redondeza.

A grande riqueza do Algarve são, além da alfarroba, que vai em grandes quantidades para Espanha, o figo e a amêndoa; sendo, no entanto, fértil em toda a qualidade de fructas.

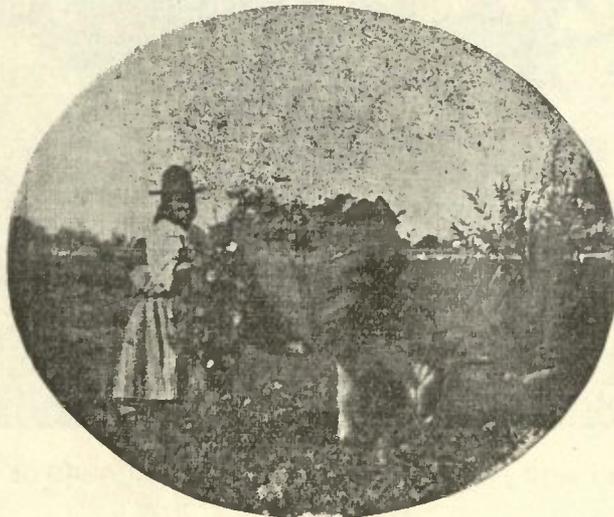
Assim como o Alentejo é o celeiro de Portugal, o Minho a sua horta, o Douro a sua adega, o Algarve é bem o seu pomar. E que florido pomar! . . . Como a alegria santa da fartura sóbe, religiosamente, de joelhos, como uma prece agradecida, pelo torneado suave das colinas, como que para ficar mais perto de Deus! . . .

O Algarve não deve ser observado em detalhe, mas em síntese. A sua beleza tem a magia estranha de certas fisionomias cujos traços isoladamente pecam por falta de regularidade, mas que no conjunto tiram um encanto espectacular dessas desarmonias existentes entre si. Por isso eu quero apenas recordar aqui, como quem lembra, sem permenorizar detalhes, os episódios mais vivos dum «film» fugitivo, algumas das passagens mais sugestivas da minha peregrinação por terras do sul.

A primeira terra algarvia onde ponho os pés é Vila Real de Santo Antonio, vila banal e provinciana, sem outro encanto mais do que a facilidade com que nos leva a Ayamonte. É curioso verificar o contraste existente entre estas duas terras, tão próximas sob o ponto de vista geográfico e tão distantes nas suas características psicológicas e fisionómicas. Em Vila Real sente-se o hálito ingénuo, quasi primitivo da boçalidade provinciana da boa gente de Portugal; e, logo, minutos passados, ao impulso da ondulação mole do Guadiana, transposto apenas aquele braço de agua que separa os dois países, caímos na Ayamonte das escadas de mármore polido, dos azulejos gritantes, dos terraços cimeiros, dos balcões floridos pelo vermelho audacioso dos cravos e das sardinheiras e onde os páteos silenciosos, com fontes a cantar no mistério do seu recolhimento solitário, põem a nota típica duma influencia árabe absolutamente definida. Eu trago Ayamonte estampada no fundo das minhas recordações, como uma vinheta ilustradora duma página de Amicis.

Porque é moura, moura a valer, em toda a sugestão da sua côr, em todo o realismo dos seus traços bem marcados e inconfundíveis.

Depois são os dias de Faro, cidade pequena e juvenil, apesar do seu passado antigo, debruçada sobre toalhas de água matizadas de areias loiras, cidade carinhosa, cheia de claridades e de ternura, com os mais lindos arredores que poderiam dese-

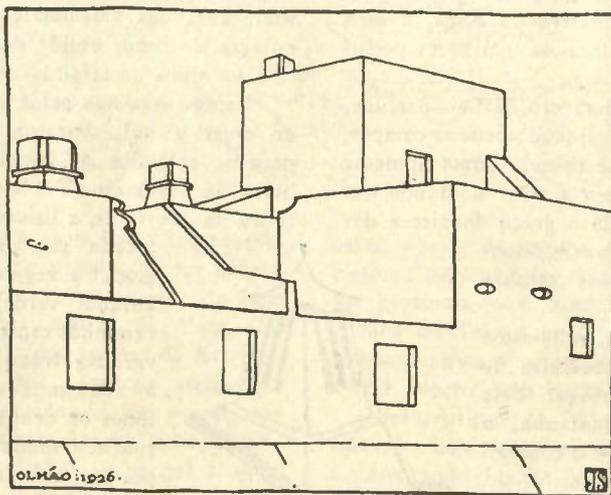


Um componeso algarvio

(Cliché S. Podinho)

com Guilherme II, numa espécie de revista dos séculos onde a coerência e o bom senso cederam o lugar á mais disparatada confusão de raças, de épocas e de condições que possível fóra imaginar.

É Santa Bárbara de Nexe, com sua igrejinha caíada, com seu ar virginal e cândido, olhando de cima do seu planalto dominador toda a paisagem mergulhada em muda adoração ao Senhor, a esbater-se lá ao longe na linha imprecisa e fugidia do horizonte. E é por fim Santo Antonio da Alto, o mirante romântico de Faro, donde a minha vista extasiada ábrangeu o cenário maravilhoso de muitas léguas em redor, banhado pela luz anémica dum lírico poente que jámais me esquece. Oh! essa tarde immorredora, como eu a vejo marcando sempre na minha memória, a lembrança da sua doçura resignada! . . . Dum lado o mar, perdido na vastidão desmesurável do seu azul sem fim. Do outro os cabeços povoados de casinhas brancas, que pareciam, na humildade cristã da sua pequenez, centenas de pombas mansas a adormecer na paz cinzenta da montanha, a essa hora amarfanhada já pela mortalha triste das sombras. Ao fundo a cidade, preparando-se para o repouso abençoado da sua noite sem pesadêlos. E, caindo sobre a natureza, como um extase sem fim, o silêncio religioso das alturas dava á solidão da hora e do lugar a solenidade austera de tudo que nos vem de Deus.

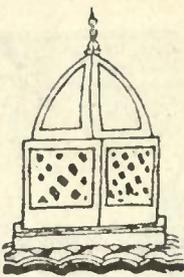


Um característico aspecto de Olhão

por Jorge Segurado

De Faro, seguimos para Lagos onde um automóvel nos arrasta

através de trinta e vinte quilómetros de estrada lamacenta até Sagres, a decantada "Vila do Infante" que tão grande papel desempenhou na história de Portugal e na da civilização moderna. Foi dali que, em demanda do desconhecido, violando o segrêdo das ondas misteriosas do sul, partiram um dia as prôas lendárias das caravelas do Sonho para darem a Portugal os seus melhores dias de glória e ao mundo inteiro uma era nova de conhecimentos e de conquistas espirituais.



A emoção com que me aproximo daquela rocha sombria — berço bemfadado de toda a nossa epopeia marítima — tem qualquer coisa do temor religioso que nos acomete ao olhar de perto uma relíquia

No delírio da velocidade, o automóvel galga ladeiras, transpõe montanhas, atravessa aldeias, deixa atrás de si casinhas arruinadas com o cunho heráldico dos séculos impresso na arquitectura meio demolida.

Até mais de meia distância o caminho é afagado pela riqueza da vegetação, quasi toda de figueiras e de amendoeirias.

Mas á medida que nos achegamos do rochedo sagrado, uma vez passada a serra do Espinhaço do Cão, a paisagem toma, pouco a pouco, uma feição diferente. Os terrenos que até aí foram acidentados e garridos, começam a tornar-se áridos, sêcos, planos e rugosos, como se sobre aquelas paragens solitárias pairasse ainda qualquer coisa da alma férrea do Infante.

O promontório de Sagres é apenas uma rocha hirsuta avançando sobre o mar na anciedade afoita de lhe devassar o mistério esfíngico e profundo. Sobre ela os muros meio derruidos da fortaleza, verdadeiramente inexpugnável, protegida dum lado pela grossa porta que fecha o túnel da entrada, do outro pela defeza natural que lhe formam os

contrafortes dos rochedos a despenhar-se sobre o abismo.

Visito a velha ermida onde os navegadores do seculo XV oraram no momento da partida, nesse tempo quasi lendário em que a alma portuguesa era heroica e era crente; olho a praia de areias doiro donde saíram as naus com a cruz de cristo nas velas para a conquista do futuro; debruço-me do alto do mirante desmantelado sobre aquelas ondas revoltas que

guardam no seio tantos segrêdos do velho heroismo português. . . E parece-me ver ainda, a destacar-se no fundo hostil da rocha brava, a figura austera de D. Henrique, com o chapéu amantado de Borgonha, visionando ainda Deus sabe que novos mundos oferecidos á cubiça dos portugueses.

O Cabo de S. Vicente, a ponta mais ocidental da Europa, a curta distância de Sagres, não oferece ao visitante outra curiosidade mais do que o farol. O resto é o mar, sempre o mar, o palco dramático da nacionalidade, o campo onde se exibiram as grandes façanhas do nosso génio de aventura. E esse mar que ao lado ocidental tem todas as coléricas bravuras da vastidão selvagem do Atlântico onde se aninham os génios dos naufrágios, do lado sul revela no torneado airoso das suas ondas mansas toda a brandura frágil duma planície liquida batida pela aragem quente dos areais africanos

A última "étape" é a Praia da Rocha. Caminhando por Portimão, deixamos ao fundo a lírica Monchique, cuja serra tem qualquer cousa do perfil sonhador da serra de Sintra, e encontramos, ao fim de meia hora de "carrinha" — oh! a carrinha algarvia, que deliciosa evocação! . . . — a encantadora praia onde a rocha ou rochas que lhe dão o nome são entalhadas a capricho pelo cinzel divino da Natureza. A praia é duma amplidão e duma garridice no artístico desalinho das suas ribas que a tornam verdadeiramente notável



AS BANCAS — SAGRES

QUADRO DE SAMORA BARROS



Praia do Rocha — As mesas

entre as nossas mais lindas praias. O encontro do mar com a foz do rio Arade, deixando ver ao fundo o castelo d'este nome, que, assim cercado d'agua, parece um castelo feito para esconder aos olhos dos profanos alguma lendária princesa de balada, de beleza sonhadora e doce, que não é fácil encontrar em qualquer outra praia de Portugal. Até a sua areia é diferente. Tão loira, tão aveludada e fria, que parece uma carficia na impalpável fluidez do seu contacto. Devia ser á areia da Praia da Rocha que Garrett se referia quando punha na boca d'aquela mareante da "Nau Catharineta" as palavras anciosas e esperanças:

"Vê se vês terras de Espanha,  
Areias de Portugal".

Algarve ardente, comunicativo e claro, Algarve florido, exuberante e franco, inundado de sol, resumante de vida, transbordante de alegria mōça, com sangue quente a palpitante nas veias — o sangue irrequieto dos árabes que te estão a namorar a paisagem da janela fronteira de Marrocos, com a saudade de quem olha de longe um bem que já foi seu, — praia de Portugal d'onde partiu outrora a galera doirada das conquistas, jardim mágico onde floriram os cravos audaciosos da ambição e as rosas místicas da beleza, pelo encanto sádio e flexuoso da tua graça, pela benção religiosa da tua luz, pelos dias felizes que te devo, — eu te sinto gravado no meu coração de portuguesa em toda a esbelteza e donaire com que os teus sete castelos d'ouro firmemente se esculpem no fundo sagrado da Bandeira de Portugal!

#### OLIVA GUERRA

#### "Exposição de Pintores do Algarve"

"Correio do Sul", brilhante bi-semanário da capital algarvia, vai no próximo outono dar realização á formosa ideia de reunir todos os pintores do Algarve numa exposição dos seus trabalhos sōbre a província.

Não sendo menor o número de artistas não algarvios que tem utilizado a paisagem algarvia para assunto das suas telas, achamos de toda a conveniencia que estes não deixem de ser também convidados a concorrer a esse certame, embora constituam galeria á parte.

Se dentre os pintores algarvios, é certo que já hoje ocupam lugar de justo aprêço, Samora Barros, Carlos Porfírio, Bernardo Marques, D. Maria Chaves, L. Ramõs, Roberto Nobre e outros, não é menos verdade que as honras de Museu são ainda exclusivas de pintores que não nasceram

no Algarve, embora de alma e coração sejam algarvios. Injustiça seria, pois não convidar para essa exposição, por exemplo: Falcão Trigoso, o pintor português a quem o Algarve mais dedicações deve; Lyster Franco, outro excelente mestre, cujos admiráveis carvões e telas são exclusivamente algarvios; Raul Carneiro, também quasi algarvio já e da provincia vivendo; Eduardo Viana, pintor modernista que tratou com intuição rara alguns aspectos típicos de Olhão; Mario Pacheco e outros, muitos outros ainda, que a respectiva comissão organizado, ra do certame de certo não esquecerá.

#### Melhoramentos algarvios

HA um ano tivemos o ensejo de louvar o nosso velho amigo, distinto farmacêutico e co-proprietário gerente do Grande Hotel de Faro, sr. Anibal da Fonseca Alexandre, pela iniciativa que tomara então, de adaptar parte das instalações do referido hotel a uma instituição de que o Algarve muito carecia — um "Pensionato Liceal".

Vencido agora o primeiro ano do "Pensionato Liceal João de Deus", com os mais favoráveis resultados pedagógicos e até materiais, não queremos apenas reiterar os nossos louvores ao corpo docente do referido Pensionato, mas também felicitar o Algarve por tão importante e útil melhoramento.



Lagos — a "Boneca", na Baía

# ARTISTAS MUNDIAIS

UMA NOTAVEL  
BAILARINA  
NORTE - AMERICANA

MISS DORIS  
NILES, PRIMEIRA  
BAILARINA  
DO FAMOSO  
"CAPITOL"  
DE NOVA-YORK,  
O MAIOR TEA-

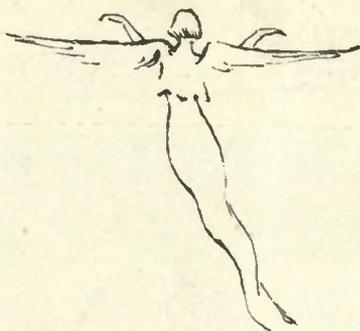


TRO DO MUNDO,  
E' HOJE CONSI-  
DERADA U M A  
DAS PRIMEIRAS  
ARTISTAS MUN-  
DIAIS NO SEU  
G É N E R O .

"MISS DORIS NILES"  
NUM DOS SEUS  
MAIS FOR-  
MOSOS  
BAILA-  
DOS

: POETAS PORTUENSES :

# POMBALVASIO



SOB uma luz de refulgencias d'oiro  
— Poeira flava nos lençoes de linho..  
Evoco ainda, em mórbido carinho,  
A graça núbil do seu vulto loiro.

Fala-me dela tudo, e até as rosas  
Lembram a alvura do seu corpo astral.  
— Bateu as ásas brancas e radiosas  
A pomba mais gentil do meu pombal.

Falam-me d'ela as jarras sem perfumes,  
Esta luz branda e o ar calado e frio...  
Dela me fala êsse sofá vasio,  
Dos nossos beijos e dos nossos ciumes.

Tudo recorda a graça fugitiva  
Do seu vulto gentil como o das dríades.  
Está cheio o leito da presença viva  
Do seu formoso corpo de Herodiades.

Lembro os seus olhos mansos como rios,  
E a tule dos vestidos, a flutuar,  
No gesto lento d'ásas a emigrar...  
Como se fossem vèlas de navios.

Tudo me fala dela ao meu amor,  
Até êsse sofá de solidão,  
Onde ela me entregou seu corpo em flor  
Num desejo febril de violação!

Desde que foi, a alcôva é desolada  
Como os longos silêncios dos paúes.  
Só cai a tarde nos coxins azues,  
Num histerismo de mulher violada.

Horas felizes que eu julguei eternas,  
Que a minh'alma ambiciosa mal atinge!  
— Ó grandes olhos fundos de cisternas,  
Impenetráveis como os duma Esfinge!

Mas que é da vida que eu vivi tranqüila?  
— Meus beijos dados, logo já perdidos!...  
— Como eu recordo a côr dos seus vestidos  
E as suas atitudes de Sibila!

Desfolharam-se as rosas e as glicínias...  
Cai um silêncio frio de cristal!  
— A pomba d'ásas brancas e setínias  
Nunca mais voltará ao meu pombal!

DO LIVRO EM PREPARAÇÃO  
« PRIMAVERA VOLUPTUOSA »



ALEXANDRE DE CORDOVA



(Des. de D. Mily Possoz)

## A ORIGEM

— **ONDE** é que eu vim?, onde me encontraste?  
— perguntava o menino a sua mãe.

E, banhando dum sorriso terno os seus mudos suspiros, a mãe respondeu-lhe, apertando-o contra o peito:

— Estavas escondido, como os meus desejos, no íntimo do meu coração.

Estavas com as bonecas da minha infância; e quando moldava em barro, cada manhã, a imagem dos meus dias, eras tu o que eu me entretinha a fazer e desfazer...

Estavas no mesmo altar que a nossa divindade familiar. Adorando-a, adorava-te igualmente...

Tens vivido em todas as minhas esperanças, em todos os meus amores, na minha vida, na vida de minha mãe...

Tens-me nutrido na devoção do espirito imortal que nos preside.

Quando eu era joven, e solteira, a minha alma abria as suas pétalas, como um perfume em volta do qual adejava o teu espirito.

Terno e débil, florescias nas minhas entranhas, como uma estrelinha no firmamento, antes de nascer o sol.

Favorito do céu, irmão da luz matinal, vogaste na corrente da vida universal, para caíres, por fim, no meu coração.

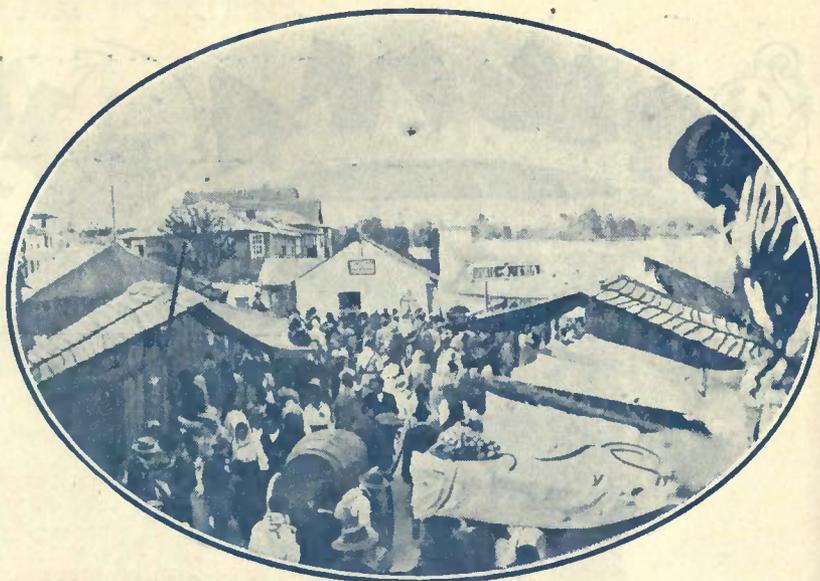
RABINDRANATH TAGORE

# TRÁS-OS-MONTES

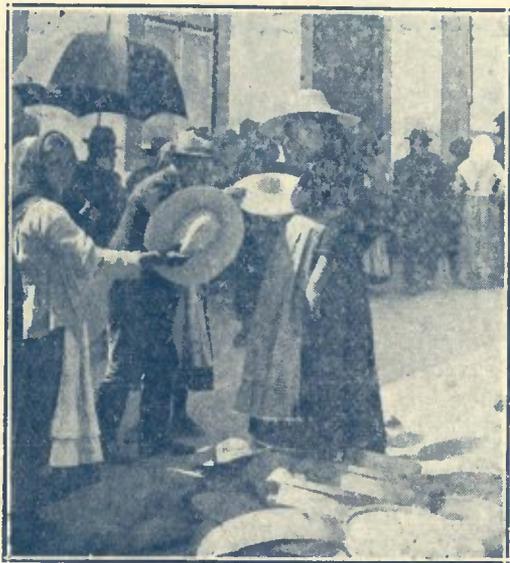
## A FEIRA DE S.<sup>TO</sup> ANTONIO ▪ EM VILA REAL

CONFORME o velho e secular costume, realisou-se no mez passado em Vila Real a importante feira de Sauto Antonio.

E' a epocha de maior bulício, alegria e animação que durante o anno se nota n'esta linda e pittoresca cidade da laboriosa provincia trasmontana, que graciosamente se ergue no velhorre e historico terreno de Panoayas, onde aos investigadores cultos, ainda hoje se deparam bellas memorias archeologicas, como objectos romanos, lapides, moedas,



Aspecto típico da feira de Santo Antonio



Vendedeira de chapéus

ricos pedaços de marmore de jaspe, a par de outras valiosas demonstrações da antiga civilisação.

E' muitissimo concorrida a feira de Santo Antonio, cuja creação consta do alvará de D. João IV, datado de 23 de março de 1648.

Atravez dos tempos, tem-se notado que ha um visivel e patriótico interesse em conservar a este conhecido certamen o tradicional prestigio. No entanto, apesar dos esforços empregados, é flagrante a sua decadencia, o que não deve attribuir-se apenas aos factores economicos communs que geralmente desvalorizam os mercados periodicos, mas ainda á obstinada pertinácia dos villarealenses em não querer pedir o auxilio do Estado, como fazem n'outras terras, quando n'estas pretendem concentrar certas multidões e auferir os consequentes beneficios.

Lamego, Regua, Chaves e tantas ontras localidades podem a este respeito fazer edificantes affirmações...

E' hospitaleiro e cheio de gentilezas para com os seus hospedes o povo de Vila Real, cidade dentro de cujos muros foi embalado o audaz navegador Diogo Cão e se erguem testemunhos perpetuos do rasto luminoso e sagrado que os mais illustres varões aquil deixaram firmemente vinculados, quer pelo seu grande amor a este encantado, pedaço da

terra portugueza, quer pelos seus feitos e virtudes, a que a Historia, aqui e alem, presta sentidas homenagens.

A feira de Santo Antonio é das mais populares do nosso paiz, contando-se por muitos milhares o numero de pessoas que n'esta epocha visitam a cidade, coalhando as ruas de movimento e transmittindo á generalidade dos aspectos a nota vibratil d'este alegre povo, de quem é raro ouvir dizer que se indisciplina, embora pezem sobre a sua cabeça as terriveis interrogações moraes e economicas que em todos os tempos o flagellaram e fizeram meditar...

As gravuras que ilustram estas fugidias e apressadas palavras são apreciaveis instantaneos, da autoria do distinto artista sr. Miguel Monteiro, incançavel propagandista das nossas incomparáveis belezas panoramicas, instantaneos colhidos na feira e em que sobresaem interessantes fases da mesma.

São quadros curiosos, cheios de graciosissima verdade, exprimindo um certo eucanto o que se refere á ingénua Julieta trasmoutana, que nervosamente se alcandroa acima da multidão, para descobrir o Romeu ardente, que a fita com insistencia, agora e logo, de chapéu á banda, n'um olhar que é um resumo de desejos...

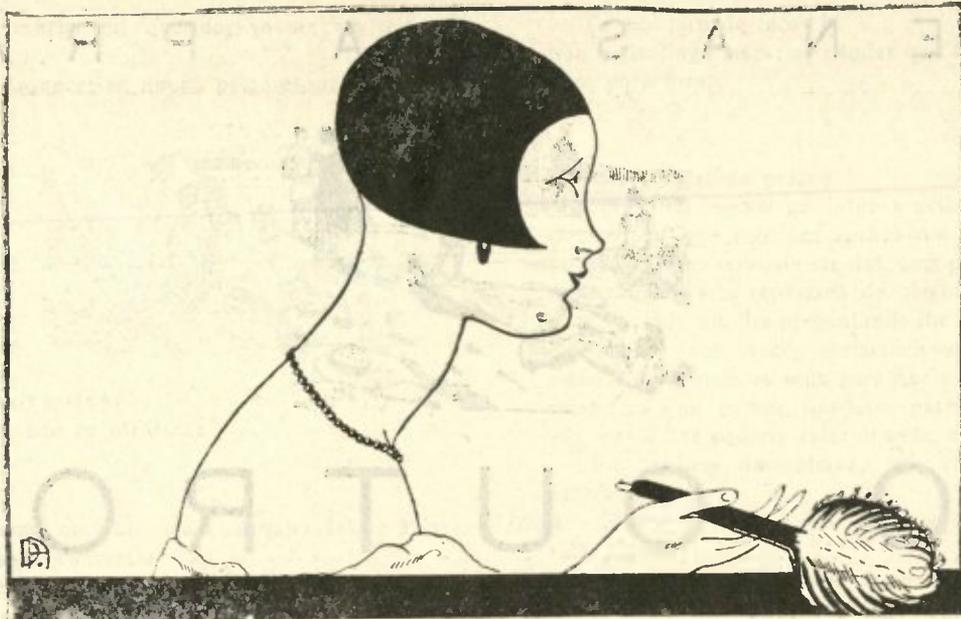
Vila Real

HEITOR MATTOS



Enfeirada

(Cat. Miguel Monteiro)



# O SEGRÊDO DA ESTRANGEIRA

CONTO POR

FERREIRA DE CASTRO

**Q**UANDO Jorge Navarro entrou no Casino Internacional, já ali marcavam os passos dum *fox-trot* elegantes pés femininos.

Havia mais *côr*, mais *toilettes* bizarras do que nos outros dias, mas todos os rostos eram conhecidos de Jorge, que havia já quatro anos preferia o Estoril para seu veraneio.

Todos os rostos êle conhecia; todos menos um, que o contemplava discretamente, desde um cadeirão de vime, quasi imerso na sombra, num dos ângulos do terraço...

Era uma mulher em plena juventude e de beleza perturbante, fascinadora.

Vinte e cinco anos? Vinte e oito? Não terio mais.

E era estrangeira, certamente. Denunciava-a o seu perfil raro, os seus olhos verdes, a sua *toilette* de viagem. E dessa *toilette* ela fazia como que um biombo, como que um véu, para ocultar a sua beleza aos olhos inquiridores dos que ali estavam.

Devia ter viajado muito, porque a sua expressão era a dessas mulheres cosmopolitas, cujas pupilas já pousaram sobre todos os vergeis do mundo; tinha a expressão da mulher que se inebriou já com a música de todas as ondas, que aportou a todos os continentes, que levou o seu sonho errante para a distancia infinita. Até êsse mal disfarçado tédio que assomava aos seus olhos, fazendo com que ela se despreocupasse do baile, marcavam a peregrina, a que tudo viu, a que está ainda exausta para tudo ter visto.

Jorge, sentindo-se observado por ela, observava-a também.

E ao contrário do que sucedia nos outros dias, sentou-se, sem tomar parte no baile, apesar de um ou outro rosto feminino se volver de quando em quando para êle, desde o salão num convite discreto...

Possuía-a uma grande indolencia, uma lassidão irreverente com a sua juventude.

Esob a música do olhar daquela mulher, êle ia-se abstraindo do meio, ausentando-se, como se a estrangeira o tivesse hipnotizado suavemente, mui suavemente...

O espírito fazia de novo as viagens há anos realizadas: — San Sebastián, Biarritz, Trouville... Depois as margens do Sorrento, sob poentes de ouro e púrpura, com alguns vultos femininos, algumas horas de sonho...

E êle próprio sonhava ao reviver pela recordação êsses dias que agora já lhe pareciam quiméricos, utópicos... E a tudo isso sobrepunham-se figuras de «magazines» elegantes, mulheres estilizadas pelo lápis de artistas célebres—e passavam esfumadas, imprecisas, em doce visão...

Tudo, porém, se desvaneceu, quando a estrangeira, como se despertasse também dum sonho, se levantou e caminhou ao encontro de Jorge.

— Cavalheiro: que horas são? — perguntou, empregando o idioma francês.

Jorge, um pouco trémulo por aquela imprevista aproximação, consultou o relógio.

— Uma da manhã, minha senhora... — respondeu.

Então, ela, animou todas as linhas do seu corpo e com alvoroço, com angústia, exclamou:

— Oh! Perdi o vapor! Perdi o vapor!

Surpreendido, Jorge só pôde pronunciar um «mas...», vago, sem sentido.

— O barco partia á meia noite! Esqueci-me! E agora que hei-de fazer? Não há por aí um telefone? Quero ver... Sim, pode ser que tenha havido um atrazo na saída...

— Faz favor, minha senhora: E' lá dentro...

\* \* \*

Abandonaram o terraço e dirigiram-se á cabine telefónica. De Lisboa responderam que o «Desna» havia largado há pouco e que já era tarde, demasiado tarde...

Ante esta resposta, a estrangeira pareceu serenar-se, como se ante tudo que era irremediável não soubesse ter outra atitude que não fôsse de resignação.

Quando voltaram ao terraço, descia o Tejo, em direcção á barra, um cortejo de luzes, um palácio iluminado...

— O «Desna» — murmuraram ao mesmo tempo Jorge e o estrangeira.

— E a minha bagagem, as minhas roupas?

— É passar um rádio ao navio, para as deixar no primeiro porto...

— Em Vigo... Sim, é uma ideia. Radiografemos amanhã. Agora acompanhe-me a um hotel, faço favor...

Sairam do casino e desapareceram nas ruas silenciosas, arborizadas.

Ele mesmo procurou aposentos para ela e quando a viu instalada, dispôs-se a partir.

— Até amanhã — disse ela. — Cá o espero para me ajudar a resolver a minha situação. A propósito: como se chama?

— Jorge Navarro.

— E'...

(Continua no pagina 20)

# S C E N A S D A P R A I A



## O O U T R O

**A**QUELA praiasinha, com a casaria a rir ao sol, é um cenário de comédia alegre. Ali, o mar pela praia, sempre garoto, a esbracejar em ondas, passa rasteiras a quem passa.

Mais longe, mais homem, a um cantinho beija as rochas, que, a brilhar de tanto beijo, parecem lábios carminados.

E' verão, e os fatos, em contraste, são brancos de neve.

Como estava na praia, sôbre a areia, com um livro, que não lia, aberto ao acaso. Olhava para longe, para o mar e para o céu, unidos nêsse longe.

Pilar passou e êle deixou de olhar o mar e o céu, para vêr Pilar, que se afastava, mas não marcava um longe, porque João já não estava deitado sôbre a areia, tinha o livro debaixo do braço, as mãos nas algibeiras e, por mais que ela se afastasse, já não marcava um longe...

Nas praias, adquirir relações, é coisa fácil. Há até quem as freqüente só para isso.

Dois estão sob o mesmo toldo:

— Mas que dia de calor!...

— Uff...

Abanam-se com os chapéus e ficam conhecidos.

Um encontra outro no banho:

— A água hoje está muito fria!...

— E' verdade!...

E nêsse mesmo dia combinam um passeio de barco.

Em pouco tempo, também João e Pilar, eram conhecidos.

De manhã, no banho, êle era o seu banheiro, e governava-se bem, diziam aqueles que os viam. Ela não era peste nenhuma.

Depois do almoço passeios de barco, João em mangas de camisa, a remar. Ela de sombrinha aberta, guarda-olhaves dos que estavam na praia.

As suas conversas, saltitantes umas vezes, eram rapsódias literárias, outras:

— Eu conheci uma rapariga muito parecida com você, muito bonita. Não é para agradecer...

POR  
ALVARO LABORINHO  
ILUSTRAÇÕES  
DE ALFREDO CANDIDO

Ela também tinha conhecido um rapaz assim como êle, mas menos trocista.

Festa:

Foguetes de três respostas, morteiros, relâmpagos de magnésio, peças de fogo, que assobiam, cantares populares redemoínhando em roda viva:

Anda cá Manél,  
Anda cá vem vêr,  
Há fogo no mar,  
Anda o peix'arder.

E mais foguetes a estalar, e apertões e... quem tem calos não se mete em folias, música com muito rufo, bombo e pratos.

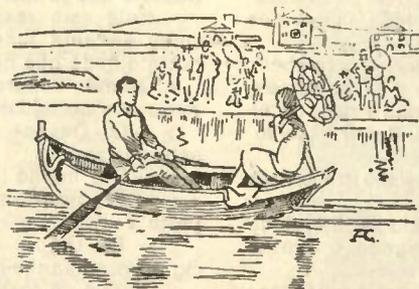
Pilar tem nas mãos as côres da Espanha, numa fitinha de sêda, que distraída enrola nos dedos e faz dela um rôlo, que depois desfaz.

João, sardinha daquela grande lata de sardinhas de conserva — a praça em arraial — vai ao lado dela, e não vai aos encontrões, porque está sempre encostado.

Os olhos e os lábios de Pilar estão coloridos por um sorriso travesso.

— Para que u' recuerde una espanhola.

E aquela fita de sêda amarela e vermelha passou dela para João, depois das suas mãos se apertarem até fazer doer.



aprendia, não era capaz. Até tinha medo das ondas, sem ter.

Uma tarde, de areia em pedra, de pedra em gruta, afastaram-se da animação das barracas e, muito longe, atrás dos pedregulhos que serviam de escudo contra os bisbilhoteiros dos curiosos e bisbilhoteiros:

— Te quiero mucho mi querido, yo me voy y tu te vas olvidar de mi...

— Não posso esquecer-te. nunca posso esquecer-te.

E cada vez mais juntos, mais unidos, até esmagarem os lábios de encontro aos lábios.

A volta, numa voz meiga e chorada:

— Tu te vas olvidar de mi, despues que yo me marche...

E cada vez mais melada:

— Mi querido, non te olvidaras?...



Como de costume, no club, a um cantinho, João e Pilar, muito agarradinhos, a conversar:

— Quem é aquele rapaz, que olha tanto para ti?!

Que era um maçador conhecido da sua família.

João nota que o outro insiste em olhar para ela, e então:

— Um idiota. Ainda ontem, valendo-se dêsse conhecimento, lhe tinha escrito uma carta repassada de pieguices tôlas. Mas era só a João que ela queria. Não lhe respondera e era por isso, decerto, que êle olhava assim, a pedir resposta.

Véspera da partida de Pilar. A última noite no club. A sala como de costume.

O outro observou ciumento a animada couversa dela com João. De vez em quando, a um seu olhar repreensivo, coíncide um baixar das pálpebras de Pilar, abandonando-se menos a João. Este, enervado pela desconfiança, olha para o outro fixamente com olhos que jogam o sóco.

— Mi querido, mira-me. Ya no me quieres?!...

João não responde. Entre êle e Pilar há um silêncio, que nem o fox-trot, a luz e o dançar acordam.

João imóvel, olhar assente num alvo, que não existe, é todo comédia; por dentro ri, ciumento por fóra:

— Julgas que não sou capaz de matar uma mulher?

Ela ri, um riso meio medroso, pálido e, como se não comprehendesse:

— Te has tornado loco?!

Ainda mais fingido: por dentro, inundação de gargalhadas; por fóra, mascara de tragédia:

— E' tão fácil: os meus dedos formavam um colar á volta do seu pescoço. Era um colar de ferro, que se apertava cada vez mais. Os olhos saíam fóra das órbitas a pedir socorro, a chamar a vida. As faces mudavam para o roxo, a ennegrecer...

— Te has tornado loco?!!

Não pode fingir mais; as risadas que iam lá por dentro, saltaram para fora.

\*

O outro e João, na praia:

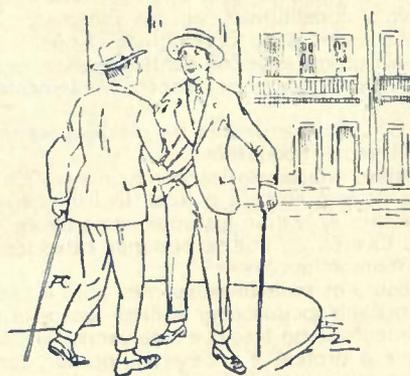
João — Mais ou menos eu julgava assim, embora ela me tivesse dito que você era apenas um conhecido da sua família, e que, servindo me das suas palavras, lhe tinha escrita uma carta repassada de pieguices tolas.

O outro — Pois um dia preguntando-lhe eu, porque andava ela sempre com você, respondeu-me que não podia evita-lo, pois eram os seus pais que a isso a obrigavam, vendo, zo que parece, um bom partido, e com mágua sua, eu só lhe poderia falar à noite, no terraço do hotel.

Eu também desconfiava, mas como o terraço era escuro...

João — E já era de há muito tempo se utilisava da escuridão do terraço?

O outro — Não, pouco depois daquele dia de festa. Encontramo-nos por acaso em seguida ao jantar. Conversamos, posto que já houvessemos tido conversa d'olhos. Foi uma conversa banal. Indiquei-lhe alguns livros portugueses, que prometi oferecer-lhe. No dia seguinte encontramos-nos no terraço à mesma hora para eu lhe



entregar os livros prometidos e voltamos a conversar sobre qualquer coisa que nos aproximava. Entretanto, ela torcia nas mãos uma fita de seda com as côres de Espanha e depois deu-ma com estas palavras:

— Para que u' recuerde una española.

E começou pela fitinha...

Os dois acharam muita engraçado e riram, porque João também contou que tinha começado pela fitinha com as côres da Espanha.

O outro — Ontem, depois de nos zangarmos, por eu lhe falar em você, ela, apertando-me contra o peito, murmurava numa voz cheia de ternura:

— Tu te vas olvidar de mi, despues que yo me marche...

.....  
— Mi querido, non te olvidaras?

\*

Interceptada por gargalhadas ecoantes, os dois repetiam a mesma frase, que aos dois tinha sido dita pela mesma, em lugares diferentes.

— Mi querido, non te olvidaras?...

E a rir entraram num café, como dois amigos velhos.

: : ALVARO LABORINHO : :

# LAPSOS DE LINGUAGEM

**O** *DISTINTO* médico hidrologista dr. Arlindo Camilo Monteiro, formado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, clínico de reputação e escritor bastante conhecido, não só em Portugal mas também no estrangeiro, é o autor do notável estudo méico-forense, para uso de Literatos e Bibliotecas, há quatro anos publicado, sob o título de «Amôr Sáfico e Sociático, a que, em devido tempo, aqui nos referimos.



Dr. Arlindo Camilo Monteiro

A «Alma Nova», que de há muito conta um [dos seus mais devotados amigos no dr. Arlindo Camilo Monteiro, orgulha-se de puder dar hoje aos seus leitores, com a notícia do novo trabalho do erudito escritor—«O Fóro e as Questões Sexuais»—«Três Acórdãos do Supremo»—, que vem sendo publicado na «Medicina Contemporânea», um excerto ainda inédito do mesmo trabalho.

**E**M síntese, consistem as lapsas de linguagem:

a) na simples alteração da ordem natural das palavras constitutivas da frase—«inversão linguística»;

b) na perturbação da frase ou palavra que se deseja articular, traduzida pela influencia entre si das palavras constitutivas ou dos fonemas, seja mediante repercussão anteragrada—«pré-sanância», seja progressiva, no sentido oposto—«post-sanância» e mercê dos dois fenómenos, concomitantemente—«permutações fonéticas»;

c) na modificação resultante de processo eliminatória de sílabas ou palavras—«omissão»;

d) finalmente, ainda, na interferência exercida sobre as palavras que deviam campar a frase lógica, por meio do vocábulo que se lhes substitue, justapõe, como até os defarma, e exprime idéa diversa da que se pretende exteriorisar—«substituições» e «contaminações».

Nestes casos, os mais interessantes para a análise a que procedo, a vocábulo perturbador e direi—parasita da frase—tanta pode, integrado na idéa que o galvanisa, lucilar na mente da pessoa que o profere e o desejaria acultar, como apenas constituir elemento accidental, indiferente ou inerte, desprovida de intenção, trazido à corrente produtora da frase e articulado no movimento de automatismo mecânico, sem ter a animá-la o mais froixo lampejo de consciência.

Duma forma geral, derivam os lapsos de linguagem dum processo descoordenador, gerado nos centros reguladores da fonação e que se objectiva mediante a influencia mútua de palavras e fonemas próprios da frase a pronunciar ou mercê dos vocábulas—símbolos de idéas—estranhos à composição normal da frase desejada, e padenda sêr estes elementos perturbadores e parasitários, quer conscientes, a traduzirem idéa nitida que o individuo não desejaria revelar, quer nconscientes e, muitas vezes, inteiramente apostas aas pen-

## EXCERTO DUM ESTUDO

samentos e desígnias íntimas de quem pronuncia o lapso.

Como causas do processo descoordenador da fonação e determinante do lapso imparta, na pesquisa de uma etiologia racional, invocar: a fadiga, a enfraquecer a atenção como a intoxicar os centros nervosos; a preocupação determinada por absorventes pensamentos, que levam a falar e a responder distraidamente sobre questões de secundário interesse ou da vida habitual e, par assim dizer, automática de todos os dias; estado eventual de nervosismo; o falar com alvarço e precipitação; e, par fim, o estado emocional produzido pela conflito de idéas, seja, par exemplo, gerado no antagonismo entre a idéa que se agita no espírito do individuo e a que as convenções sociais, formalidades e situação de momento impõem, de malde a surgir perturbada, ao deflagrar de vibratil emotividade, a fluência natural da loquela, como até da escrita.

A observação imparcial e serena de tais fenómenos, induz a considerar que todas estes factores tarnam as lapsos mais frequentes e até que, na sua diversidade, variavel com os casos, os acampanham sempre em maior ou menor grau.

Estas causas actuam em todos os individuos mas mais acentuadamente nas fatigadas e nervosas, sem que, os lapsos deixem, todavia, de se manifestar em individuos, narmas, submetidas às condições acima referidas.

A descoordenação fonética reflectida na sua modalidade linguística, e examinada de per si como elemento morfológica, não se realisa num determinado sentido por mero acaso, mas no respeitante a lapsos, em que se não manifesta conflito de idéas e tão samenta exclusiva influencia de fonemas ou sílabas privativos da frase, acha-se subordinada a leis—entre elas, a da menor esarça, cuja estudo recae sab a alçada da fiologia e, na dauta opinião do Excelentissima Senhor Prof. Dr. Leite de Vasconcelos, as mesmas que presidem à formação das linguas novas.

ARLINDO CAMILO MONTEIRO

## LIVROS E PUBLICAÇÕES

**J**OSÉ Brandão, Capitão miliciano de artilharia, escritor mção cheio de qualidades e cruz de guerra da Flandres, além das brilhantes "Nctas subsidiarias para uma bibliografia Portuguesa da Grande Guerra", que vimos publicando, quiz também contribuir para a mesma bibliografia com as nabres "Palavras dum Soldado de Portugal", que sob a titula "9 de Abril", acaba agora de reeditar, em uma madesta mas nem por isso menos belo e apreciável "plaque".

Das suas vibrantes afirmações, destacamos éstes dais passos: "O 9 d'Abril" não fal o que alguns palavrosos a ócos escreventes têm ensinada a Portugal, criminosa ou inconscientemente. E' preciso não fazermas da Guerra Grande a disparatada e mesquinha ideia concepclonal duma epapêa

gerada na chapeu de cãco do sr. Augusto de Castro e escrita pelas punhas de renda do sr. Julio Dantas...

"A Guerra Grande foi al uma coisa mais do que um assunto para cranistas anémicas, empoados ou empraados: foi "qualquer coisa" que sentiram no seu sangue, na sua carne, nos seus nervos—na sua alma—as que faram, na África e na Flandres, as "últimos lusíadas".

**Regista de entradas:**—"Postais de Caldelas"; (Coletanea de crónicas de todas as épocas... termas), por João Rasa.

"Gil Vicente", revista mensal literária e de cultura nacionalista, n.º 1 e 2,—2.ª serie—Guimarães; "Munda Ilustrado" Madrid; "Portugal" revista portuguesa da Rio de Janeiro; "Seara Nava" de Lisboa; "O Nasso Algarve" de Faro, etc.



# NOTAS SCIENTIFICAS

Prometemos, no nosso ultimo numero, dedicar aqui algumas linhas á possibilidade que parece oferecer o nosso país para a exploração de determinadas industrias; mas escrevemos, agora, com tanto mais cuidado, quanto é certo que tentativas várias se têm feito, que abortam, comprometendo esforços, nomes e capitais, tudo por falta de espirito ponderado e prático.

Sem o estudo prévio e escrupuloso da importancia de qualquer instalação industrial, seja ela qual fór, das condições de obtenção da necessaria materia prima, do custo da maquinaria e ferramentaria, do preço do produto fabricado no mercado consumidor — não ha probabilidade nenhuma de exito nos tempos que vão correndo.

Por isso estas notas não têm pertensões e poderão servir para distraír o espirito. . .

## As algas marítimas

Acaso da estação balnear deparou-nos este motivo a que se seguiu a seguinte pergunta a nós-mesmo:

— Como se compreende que Portugal com uma costa de cerca de 857 quilómetros desperdice tal produto? Durante a guerra, a França e a Alemanha aproveitaram para alimento novas especies de algas que, até então, não utilizavam com esse fim. Para adubo, as que o mar lhes traz á praia, servem-se delas em algumas terras. Mas para as que são especialmente aproveitadas com bons lucros, lá fóra, em alguns países, é para a extração do iodo, do sódio e da potassa. A's algas dos oceanos dos mares e dá-se o nome generico de *fucus*. E é a umas variedades desses *fucus*, à *Laminaria digitata* e à *Laminaria stenophyla*, que também se encontram nas nossas aguas territoriaes, que se pode ir buscar o iodo e os dois metais alcalinos que citamos. O sr. J. Hendrick, da Sociedade inglesa de quimica industrial,

descreve o processo de extração da seguinte fórmula:

«Depois de aquecer a 150° C. sobre a pressão as algas vão-se dissolvendo na sua propria agua separando-se da parte organica cuja combustão se vai realisando pouco a pouco. Preparada a solução, o iodo é facilmente separado por distilação. As algas destinadas a este fim devem ser colhidas longe da costa para evitar a incorporação das areias que dificultam bastante a extração do iodo, bem a dos sais dos metais alcalinos.

A colheita das algas ou sargaços — como se denominam as que se encontram no meio dos oceanos — deve fazer-se especialmente de inverno, porque, na primavera, o snco celular começa a enriquecer em laminarina e em mannite ao passo que empobrece em sais.»

## 4250 quilometros em linha recta de avião

maior vôo de avião, em linha recta, efectuaram-no ha pouco mais de um mez, o capitão Arrachard e o seu ajudante. Partiram de Bourget, um burgo do departamento do Sena, a 26 de Junho, ás 5 horas e cinco minutos e chegaram, no dia seguinte, ás 7 horas e trinta e cinco segundos a Bassorá, cobrindo, portanto uma distancia de 4250 quilómetros em 26 horas e meia.

O capitão Arrachard e Lemaitre tinham conseguido já, em linha recta, 3166 quilom., de Etampes a Vila Cisneros.

A velocidade média do percurso Bourget-Bassorá, foi de 160 quil. á hora. O aparelho em que fizeram o vôo foi um *Potez* de 10 metros de comprimento e 17 metros de envergadura com um peso total, á partida, de 5 toneladas, compreendendo 3600 litros de gazolina e 180 de oleo. O motôr era um *Renault* da força de 550 cavalos e de 18 cilindros.

Foi este, até hoje, o maior percurso feito em avião e em linha recta.

o o o

## O SEGREDO DA ESTRANGEIRA

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 17)

— Sou engenheiro.  
— Ah! Não me enganei!  
— Não se enganou?  
— Nado. . . Aqui tem o meu corião.  
Deu-lhe um pedoco de pergaminho, onde elle leu:

*Judith Gonzalez.*

\* \* \*

No dia seguinte, como ficara combinado, Jorge oporeceu no hotel. To certo de que elo dir-lhe-ia: — Acomponhe-me a Lisboa, meu omigo! Precisova de comprar objectos de *toilette*, roupas, perfumes. . .

Mos não. O criado que o foi onunciar, voltovo, dizendo: — Queiro sublr.

E mo! Jorge boteu no porto, esto obriu-se e Judith surgiu-lhe entre molos recém-obertos, roupas desorrumodos, froscos, livros. . .

— Então! ? . . . — extronhou elle.

— Finalmente, deixorom-me o bogogem no cois. . .

Mas. . . V. embarcovo em Lisboa ou vinha do Americo do Sul. . .

— Eu? Ah, sim! Vinho do Americo.

E pondo um veto ao assunto:

— Estou sósinho, numo proia onde não conheço ninquem. . . V. ho-de acomponhor-me de quondo em quondo. . .

A não ser que o comprometa. . .

— Que ideio! Um mulher bela nunco nos compromete. . .

— respondeu elle lisongeado.

Chegoro o horo dos confidências.

Elo foloro de viogens, de proios onde Jorge hovio estado, folora dumo vido nómodo, inquieto, otrovés de poises e contnentes.

Depois:

— Recordo-se V. do Casino de Trouville, em Agosto de 1921? Um noite em que V. conversovo com o pintoro organetina Rosólio Ortego?

— O quê? Mos conhecia-me, então? — preguntou elle, surpreendido.

— Se conhecia! Olhe: posso dizer-lhe oté que foto V. usovo. Colço bronco, cosoco costanho, cintodo. . . Vi-o muitos dias. Rosólio quiz opresentor me, mos eu tinha oindo marido e não quiz provocar um cotóstrofe. Nunco mois, porém, o esqueci. Podio viver mil anos que nenhum outro homem encornorio para mim o sentido do amor, como V.!

Jorge temio orriscor, onte oquolos palovros imprevisos, qualquer pregunto. Contemplova-o, surpreendido, quósi otónimo. . . Elo prosseguiu:

— O meu morido morreu hó dois onos. Pedi, então, o seu endereço o Rosólio. . . E aqui vim ter. Eu sou uruguioia.

— Mos, não tinha dito que io poro o Houre no «Desno»? —

— Isso foi um pretexto poro me relocionor consigo. Eu não perdi o vopór. Eu tinha tirdo possogem poro Lisboa.

E como o visse pensotivo:

— Estou vendo que as minhas confidências foram premoturos. . .

— Não, Judith; não foram. Eu omo-c

**LIVRARIA  
SÁ DA COSTA**  
LARGO DO POÇO NOVO, 12  
LISBOA

DEPOSITARIA DOS LIVROS:

SANGUE D'EPOPEIA — A Artilharia Portuguesa na Flandres, por Mutens Moreno, tenente de Artilharia, 1 vol. 1.....	4\$00
NA GUERRA E NA PAZ — SINFONIA MACABRA. id., (3 ed.).....	2\$00
MINHA PÁTRIA — Poema em 3 livros e 3 jornadas, id. id., 2.ª edição broch., 3\$00. cada livro.....	1\$00
CANTIGAS — (2.ª edição, por Rebelo de Bettencourt, com prefácio de Luiz Chaves, 1 vol. broch.....	2\$50
O ES DE ANACREONTE — por Luis Calado Nunes.....	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS — por Oldemiro César e Cruz Magalhães, 1 vol. broch com ill. de Rafael Bordado.....	5\$00
«ALMA NOVA» vol. 1, 11 e 111 da 3.ª série, cada, enc. 25\$00 br. cb.....	15\$00
O INVEROSIMIL — Conferencia Proibida, original do insigne escritor e moralista Lorde Pechincha de Nadavale.....	2\$00
A EDUCAÇÃO MORAL — Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia d'este ensino), por José Guerreiro Murta, prof. efectivo dos liceus, recomendado pelo D. do Governo.....	4\$00
DA VERDADE, por João José Gomes.....	2\$50
EÇA DE QUEIROZ — Revelado por uma illustre senhora de sua família D. C. d'Eça de Melo.....	2\$50
CONTOS PARA CRIANÇAS, por D. Branca Lopes Martins, com illustrações de Roberto Nobre Ed. Maranus — Porto).....	8\$00
A ENTREVISTA, por Cruz Magalhães, 1 op. ill.....	1\$00

**CASA GOUVEIA MACHADO**

Rua Alves Correia, 152  
(Antiga Rua de S. José) Lisboa  
TELEFONE N. 4306



Pianos, Instrumentas, para banda, orquestra e tuna etc. **Oficina de pianos,** para pequenas e grandes reparações e afinações.

**DAMIÃO & C.ª**

**Especialidade  
em fatos, vestidos  
e chapéus  
para crianças**

57, R. GARRETT, 59  
LISBOA

**Quinarrhenina**

dá força e apetite

**F. Marques Junior**

TELE } fone C. 2655  
gramas POSTAES

106 a 112, Rua do Arsenal, 108-2.º e 3.  
LISBOA

**ARMAZENS DE BILHETES POSTAIS  
ILUSTRADOS E ARTIGOS  
PARA ESCRITÓRIO**

Sortimento completo de bilhetes postais ilustrados com as mais belas fantasias. N'esta casa, a mais importante do país, no genero, encontram-se sempre as ultimas novidades, por preços baratissimos.

Enviam-se para toda a parte do paiz  
DESCONTOS AOS REVENDEDORES

**MIGUEL MONTEIRO**

(TRÁS - OS - MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANEIRO, 43

OOO

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fotolias artisticas, tais como bilhetes postais com vistas, albums, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc.  
Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos historicos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castellos. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as reactivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR ORÇAMENTOS

**ARTIGOS DE PINTURA  
E ARTE APLICADA**

TINTAS PARA AGUARELA E OLEO  
DA ACREDITADA MARCA (LEFRANC)

**PAPELARIA**

**EMILIO BRAGA, L.ª**

ARTIGOS DE PAPELARIA, TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÕES

OBJECTOS PROPRIOS  
PARA BRINDES, ETC.

59, RUA NOVA DO ALMADA, 61  
LISBOA

TELEFONE 3584 C.

SÃO EXPEDIDOS PARA A PROVÍNCIA COM TODA A PRONTIDÃO

**“A ESTREMADURENSE”**

EMPRESA INDUSTRIAL E COMERCIAL, L.ª

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES

CONTA PROPRIA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

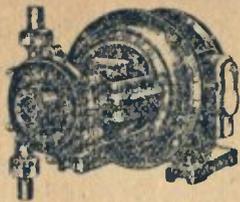
Armazens de mercearias e bacalhau por atacado e a retalho

Fornecedores da exercita de terra e mar e das navias mercantes nacionaes e estrangeiras

ESCRITORIO — R. DOS BACALHOEIROS, 166, 168 — TELEFONE 2358 C.

ARMAZENS — T. DO ALMADA, 20 — R. DA PADARIA, 20

**LISBOA**



## BOMBA-BLOCH

PARA ELEVAÇÃO  
de agua, vinhos, azeites,  
acidos, etc. etc.

A unica que não precisa lubrificação

Toda em bronze fosforoso

**VENDA:** Nas casas de electricidade e maquinaria do Paiz

**INFORMAÇÕES:** MARIO PALAU ROURA

Rua Rodrigo da Fonseca, 45

Telefone N. 1234 — LISBOA

PREFIRAM AS TINTAS **INDIANA**

RIVALISAM COM AS ESTRANGEIRAS

AS COLAS E LACRES «ALEXANDER»

:: :: SÃO OS MELHORES :: ::

TINTAS PARA COPIOGRAFOS E MARCAR

ROUPA EM TODAS AS CORES

MENDES PEREIRA & F.<sup>o</sup>, L.<sup>da</sup>

CAMPO GRANDE, 243-TELEF. CAMPO GRANDE 1

::: LISBOA :::

Quereis os **VOSSOS RELOGIOS BEM REGULADOS?**  
Quereis um **BOM RELOGIO DE SALA OU DE ALGI-  
BEIRA**, ou um **BOM DESPERTADOR POR POUCO  
DINHEIRO?**

Visitae a

**RELOJOARIA E FOTOGRAFIA**

DE

**ANTONIO SIMÕES DE CARVALHO**

Na RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE  
ou na Feira em SANTA COMBA DÃO

CONCERTOS, COMPRAS E VENDAS

**ADMITEM-SE APRENDIZES**



**RELOJOARIA ALIANÇA**

DE

**A. SANTOS**

55, RUA 4 DE INFANTARIA, 55

Compra e vende objectos de ouro, prata,  
relogios, gramofones, discos, etc.

Concertos garantidos em relogios,  
ouro, prata, caixas com musica e gramofones

Recebe ENCOMENDAS para a PROVÍNCIA  
QUE SÃO EXPEDIDAS COM TODA A PRONTIDÃO

Estas encomendas devem vir registadas

# M O S A I C O S

## GOARMON & C.<sup>a</sup>

A MAIOR FABRICA DO PAÍS

Escritorio: T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21—R. do Corpo Santo, 32

LISBOA

A maior produção de Portugal

Os de melhor fabrico

Resistentes

Duraveis

Impermeaveis

As maiores vantagens

Artigos de cimento armado

Artigos sanitarios

Pintura artistica em azulejos: Santos, paisagens,  
fotografias, etc.

AZULEJOS

CIMENTOS

OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

TELEFONE CENTRAL 1244

GRAMOFONES, com e sem campanula, e em formato de malinhas, das me-  
lhores marcas.

DISCOS, cantados e tocados pelas maiores celebridades mundiaes, operas com-  
pletas, reportario sinfonico e de camara, canções fados e danças modernas  
por Jaz-Band, etc. = OFICINA DE REPARAÇÕES E VENDA DE ACESSORIOS

PREÇOS SEMPRE

DE COMBATE

**CASA GOUVEIA MACHADO**

RUA ALVES CORREIA, 152—LISBOA (ANTIGA S. JOSÉ)

Telefone N. 4306

